

Fundos DI e cambiais são os que analistas aconselham

Desvalorização do real abre caminho para redução das taxas de juros a longo prazo, afirmam técnicos do mercado financeiro

Marcelo Aguiar e Érica Fraga

• A economia brasileira viveu dias tumultuados na semana passada. Na quarta-feira, foi instituída uma nova banda cambial. O Banco Central deu abertura para que o real se desvalorizasse mais em relação ao dólar. Estabeleceu um teto de R\$ 1,32, alcançado imediatamente pelo mercado. Como as pressões não cessaram, o Governo decidiu liberar total-

mente o câmbio. O mercado assumiu o ajuste e, na sexta-feira, o real acumulava desvalorização de 17,37% em relação ao dólar, cotado em média a R\$ 1,46.

Segundo analistas, comece a se delinear uma brecha para queda de juros. Mas só a longo prazo. Por enquanto, as taxas deverão continuar altas. De outro lado, há quem diga que o câmbio pode voltar a se alterar. Além disso, o Governo só vai anunciar que re-

gras serão estabelecidas daqui para a frente amanhã. Em meio a tanta indefinição, a cabeça dos investidores deve estar dando nó.

Para quem deseja se proteger de grandes mudanças, os especialistas do mercado recomendam como melhores opções os fundos que oscilam junto com as taxas de juros. São o caso dos FIFs DI, que têm, em sua carteira, predominantemente papéis pós-fixados. Já os fundos cambiais, fo-

ram as aplicações que mais renderam com as recentes mudanças, dizem os técnicos. Aqueles que temem novas oscilações no câmbio são aconselhados a dividir suas aplicações entre os fundos vinculados às taxas de juros e os cambiais.

Comprar dólar é uma opção que os analistas descartam. O preço cobrado no mercado paralelo, dizem, ainda está muito alto e existe a alternativa dos fundos

cambiais para quem quer se proteger.

Os Certificados de Depósitos Bancários (CDBs) também não são indicados. Como as taxas dessas aplicações são prefixadas, elas tendem a perder em caso de alta nos juros, que pode acompanhar nova desvalorização.

Aplicação em renda variável é para quem tem sangue frio e horizonte de longo prazo para esperar. Nesses casos, esses fundos

são apontados como bom investimento, pois ações de boas empresas já se desvalorizaram muito no último ano. Já as caderetas de poupança, consideradas o mais conservador dos investimentos, não devem ser abalados por qualquer mudança que a economia possa ter. Mas continuam sendo a opção menos rentável de investimento, só ganhando eventualmente de alguns fundos prefixados de 30 dias. ■

Fundos de renda fixa

OS FUNDOS DE renda fixa estão praticamente operando com aplicações em taxas de juros pós-fixadas e se tornaram opção interessante para quem quer sobreviver à crise sem sofrer pancadas de maior gravidade nas finanças. Em momento de instabilidade tão elevada, com alterações bruscas nas taxas de juros e no preço do dólar, uma boa forma de garantir alguma segurança é aplicar metade em Fundos de Investimento Financeiro (FIFs) atrelados aos juros dos Certificados de Depósito Interbancário (CDI). A outra metade, para quem busca proteção, deve ir para FIFs cambiais. É importante que o candidato a investidor peça informações, antes de fazer a aplicação, sobre a composição da carteira do fundo. Muitos fundos compram títulos com taxas pós-fixadas, praticamente os únicos existentes hoje no mercado, mas transformam o fundo em ativo prefixado, deixando a taxa da aplicação travada ao fazer negócios no mercado futuro de juros. Nesse caso, o pouparador passaria a correr o risco de fundo prefixado, mesmo estando aplicando em fundo lotado de papéis pós-fixados.

Dólar paralelo

O PEQUENO POUPADOR assustado diante das mudanças nas taxas de câmbio pode se sentir tentado a correr para comprar dólares no paralelo, como nos tempos da inflação de mais de 1% ao dia antes do Plano Real, mas deve resistir e manter o bom senso. Comprar a moeda e guardar debaixo do colchão resulta quase sempre em prejuízo para o pequeno investidor e lucro para os donos das casas de câmbio.

É mau negócio na certa, seja em caso de câmbio estável, ou de turbulência na cotação do dólar no país. O problema para o pequeno investidor em relação ao dólar está na diferença entre as cotações de compra e de venda da moeda americana. Esse *spread* é sempre largo demais e faz com que o pequeno investidor que se arrisca nesse mercado esteja fadado ao prejuízo porque compra na cotação mais alta e vende na mais baixa. A menos que o preço da moeda suba contra o dólar, o comprador das notas verdinhas não recebe um centavo sequer de remuneração. Não há taxas de juros. Tudo depende de uma nova queda do real.

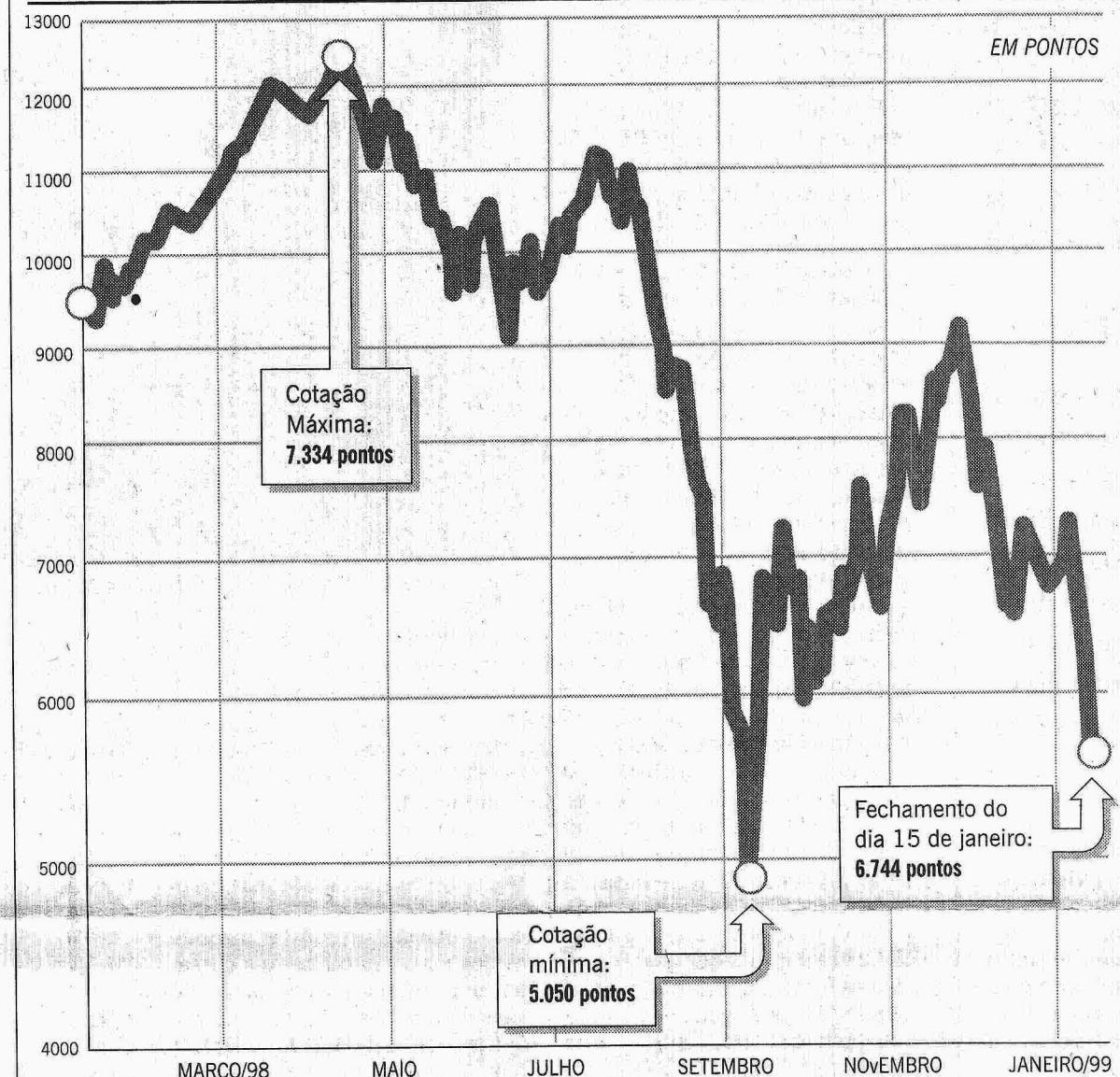
CDB

QUEM OPTAR PELOS Certificados de Depósito Bancário (CDBs) estará fazendo aplicação de risco, apesar de os títulos serem classificados como alternativa de renda fixa. A taxa de juros que esses papéis pagam, na quase totalidade dos casos, é prefixada. Em momento de turbulência nos mercados, como o atual, isso significa risco desnecessário. Em caso de novas desvalorizações acentuadas nas taxas de câmbio, por exemplo, os CDBs, cotados em reais, perdem valor, e não oferecem a oportunidade de o investidor recuperar parte da perda acompanhando eventual alta na taxa de juros. E deixam ainda o investidor indefeso contra o risco de volta da inflação. A opção só ganha atratividade se o investidor estiver convencido de que a tendência para as taxas de juros é de declínio a curto prazo. No caso de isso verdadeiramente ocorrer, os juros prefixados dos CDBs passam a oferecer rentabilidade das mais altas de todo o mercado. Mas essa hipótese é considerada pouco provável pelo mercado, ante a mudança ainda muito recente da política cambial.

ACOMPANHE A TENDÊNCIA DOS PRINCIPAIS INVESTIMENTOS FINANCEIROS

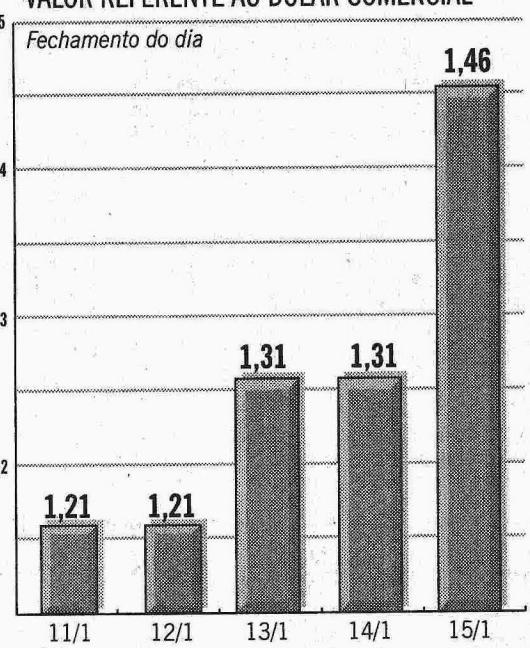
Editoria de Arte

A VARIAÇÃO DO IBOVESPA AO ANO

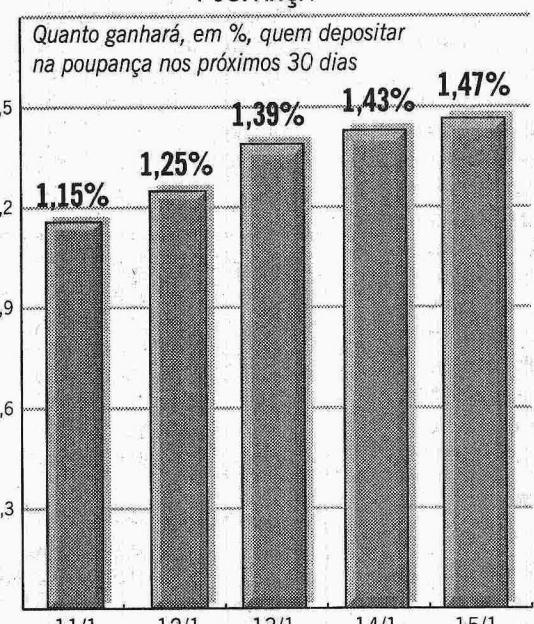


O RETROSPECTO DO MERCADO NOS DIAS DE CRISE

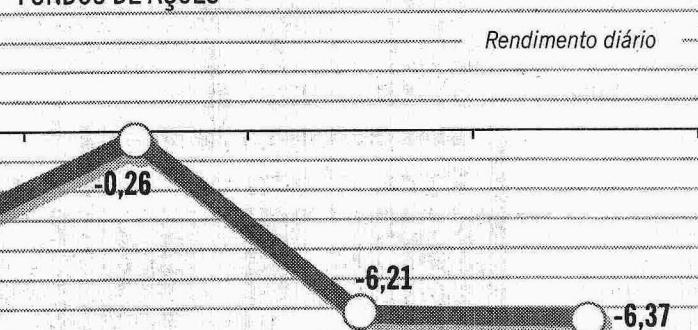
VALOR REFERENTE AO DÓLAR COMERCIAL



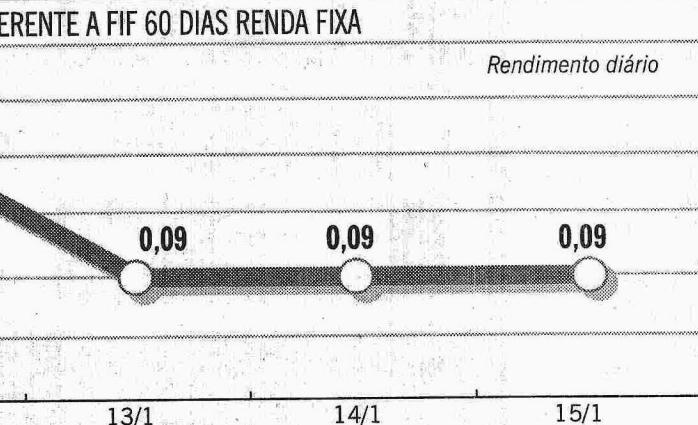
POUPANÇA



FUNDOS DE AÇÕES



VALOR REFERENTE A FIF 60 DIAS RENDA FIXA



Caderneta de poupança

PARA AS CADERNETAS de poupança, a desvalorização recente do real e toda a turbulência dos demais mercados pouco fazem diferença. Vale, nesse caso, uma regra que é praticamente imutável: em qualquer tempo, com qualquer cenário, a poupança aparece entre as menos rentáveis opções de aplicação. A rentabilidade das caderetas nunca acompanha os movimentos de juros de curto prazo e, por isso, não se beneficiam das elevações de juros que eventualmente ocorrem. Em caso de haver uma possibilidade de elevação real nas taxas da poupança, o Governo entra em cena e impede que isso aconteça. Isso porque a poupança é corrigida pela TR, a mesma aplicada na correção das prestações e do saldo devedor dos contratos da casa própria. O Governo, preocupado em não deixar os mutuários enfocados nos juros em seus financiamentos, equilibra a TR de forma a impedir que ela suba demais e cause inadimplência. Os pouparadores, com isso, recebem remuneração menor que a de mercado.

Bolsa de valores

É, COMO SEMPRE, uma aposta de alto risco, que só deve ser feita por pessoas que dispõem de folga financeira e estão preparadas para obter lucros somente no longo prazo. Para esses, entretanto, a bolsa pode estar atrativa, desde que haja estômago para se suportar perdas que possam ocorrer pelo caminho. Os preços das ações estão ainda baixos demais, apesar da alta de 33% no índice da Bolsa de São Paulo na última sexta-feira. Um sinal disso são os recibos da Telebrás, que estão a US\$ 69. É muito pouco para uma ação que já bateu quase US\$ 180 e representa um conjunto de empresas que têm capacidade de gerar bons resultados. As empresas exportadoras serão as beneficiadas com a desvalorização do real e já estão começando a subir, como a Vale do Rio Doce, siderúrgicas (como a Usiminas), de beneficiamento de alimentos (caso da Ceval) e de papel e celulose (como a Aracruz). Mas é fundamental não se aventurar no mercado de capitais sem orientação de um especialista.

Fundos cambiais

A OPÇÃO POR aplicações em FIFs atrelados à variação do dólar é questão de defesa. O principal motivo para estar nesses fundos no momento é que a política cambial adotada semana passada ainda é muito recente para ser considerada estável. Há o risco palpável de o câmbio não se ajustar tão rapidamente quanto aparentou sexta-feira e, com o câmbio livre para flutuar daqui por diante, novas desvalorizações não podem ser consideradas fora da pauta. Uma boa forma de se preparar para enfrentar a turbulência atual é, quando possível, deixar metade do dinheiro em fundos cambiais. A combinação de FIFs cambiais com fundos DI deixa o investidor bem protegido. Se um deles for mal, o outro necessariamente dará bom resultado e compensará a perda. Para que essa proteção seja perfeita, é necessário saber se o fundo cambial está prefixado ou pós-fixado. Os FIFs cambiais prefixados são mais comuns do que os investidores imaginam. Uma parte desses fundos acabou causando pequenas perdas, esta semana, após a rodada de desvalorizações na cotação do real.